

GERANDO CONHECIMENTO POR MEIO DE LEITURA E PRODUÇÃO DE DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS: DESENVOLVIMENTO MÚTUO ALUNO-PROFESSOR

Paola Talite Clein; Rafaela Kessler; Anselmo Pereira de Lima

Introdução

No mês de setembro do ano de 2012 concebemos e demos início a um projeto com objetivo de auxiliar em diversos âmbitos - principalmente com um trabalho voltado para o ensino de gêneros -os alunos do ensino fundamental (educação básica) do Colégio Estadual Professor Agostinho Pereira de Pato Branco – PR, no qual atuamos durante dois anos como bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Por acreditar no trabalho envolvendo leitura, interpretação e produção, e pelo fato de que segundo Marcuschi (2010, p.34) os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) sugerem que o trabalho com o texto deve ser feito na base dos gêneros, sejam eles orais ou escritos, procuramos oferecer aos alunos o máximo de assistência que nos foi possível, pois, de acordo com Rojo e Cordeiro, a leitura e a produção de textos como objeto de ensino propriamente dito é a base do ensino-aprendizagem de língua portuguesa no ensino fundamental, (2004, p. 07).

Os gêneros textuais, de acordo com Bentes, (2008, p.89-90) são produtos coletivos e produzidos em função de um determinado intuito discursivo. Marcuschi (2010, p.30) também lembra-nos que os gêneros textuais não se caracterizam como formas estruturais estáticas e definidas de uma vez por todas, ou seja, eles estão sempre em constante processo de reelaboração.

O Projeto de Leitura, Interpretação e Produção Textual pretendia principalmente em aproximar os alunos aos diversos gêneros textuais de forma clara e objetiva, pois, Rossi diz que cabe ao professor criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características de gêneros diversos e isso pode ser feito por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura, a discussão sobre o uso e as funções sociais do gênero, e quando pertinente, à sua produção escrita, (2008, p.62). Além disso, buscamos ajudá-los a diminuir as dificuldades de escrita.

Nesse texto discutiremos como se deu nosso trabalho, os resultados nas produções e a superação das limitações e obstáculos.

Metodologia

Com os objetivos em mente, conversamos com as professoras regentes das turmas nas quais desejávamos trabalhar e, por meio de seus materiais, acessamos o plano de aula. Observando a sequência dos gêneros propostos, fizemos algumas anotações e recebemos dicas das mesmas. Segundo David Aspy (1972), em classes humanas os professores valorizam os alunos. Portanto, ao aplicar nosso projeto, procuramos em todos os momentos dar voz aos nossos ouvintes, levando em conta a sua criatividade e incentivando-os na busca do conhecimento. Fica claro também que aprendemos juntamente com os nossos alunos, sabendo que o conhecimento do professor é construído no seu próprio cotidiano (CUNHA, 1989).

O Projeto de Leitura, Interpretação e Produção Textual teve início no mês de setembro do ano de 2012 e término no mês de dezembro do mesmo ano. Nesse tempo atendemos aos alunos do 6º A, 6º B, 7º A e 7º B do período matutino e os estudantes do 7º C, 7º D, 7º E e 7º

F do período vespertino do Colégio Estadual Professor Agostinho Pereira de Pato Branco – PR. Ministrávamos uma aula por semana com cada turma, totalizando assim oito horas semanais ao todo. Durante o projeto desenvolvemos várias atividades envolvendo leitura, interpretação e produção textual com variados gêneros. Foram eles: poema, história em quadrinhos, fábula, autobiografia e paródia. Com os textos produzidos pudemos observar os resultados do nosso projeto.

Fundamentação Teórica

Depois de algumas aulas, conseguimos constatar o conhecimento que o aluno já possuía e também o que estaria em processo de desenvolvimento, assim compreendemos o que ressalta Vygotsky: “o ‘bom aprendizado’ é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento.” (2007 p.102). Devíamos ir além do que eles sabiam, fazendo com que ocorresse grande reflexão para o entendimento.

No decorrer do projeto, percebemos que se faz necessário um trabalho continuado e baseado na repetição para fazer com que os alunos consigam apreender o que por nós é proposto. Percebemos também que é necessária uma focalização constante no plano micro das produções dos nossos alunos, pois na maioria das vezes eles conseguem entender a proposta, mas, quando vão à prática, é que surgem sérias dificuldades.

Analisando as produções, notamos que a grande maioria apresenta sérios problemas com a conjugação de verbos, troca de letras e repetição, o que acaba tornando o texto incoerente e sem coesão. Koch (1990, p. 21) diz que a coerência está diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto exerça sentido para os usuários. Marcuschi, abordando sobre a coesão, diz que a mesma é o nível de contextualidade e está ligada com os processos de estruturação da sequência do texto que, geralmente é feita por recursos conectivos e/ou referenciais (2008, p. 99).

Outro fato que merece atenção é que os alunos apresentam em suas produções escritas muitas marcas de oralidade. É aqui que pretendemos focar nossos esforços na continuidade do nosso projeto: abordar essas dificuldades não deixando de trabalhar com gêneros, mas sim aproveitando a oportunidade e o material (produções escritas dos alunos) para tratar dessas dificuldades, dando-lhes oportunidades para que, tanto quanto possível, expandam seus conhecimentos e melhorem cada vez mais como estudantes e também como cidadãos, pois assim como observou uma antiga bolsista do PIBID, Vanessa Gerônimo (p.48), os alunos precisam aprender que tanto o texto oral quanto o texto escrito apresentam diferentes dosagens de marcas de oralidade, que variam de acordo com a situação comunicativa.

Rosângela recorre a Bakhtin¹ (*O problema do texto na lingüística, na filosofia, na filologia e em outras ciências humanas* (2003b)) dizendo “que o texto (verbal – oral ou escrito) é a unidade, o dado (realidade) primário e o ponto de partida para todas disciplinas do campo das ciências humanas” [...] Portanto “ele é a realidade imediata para o estudo do homem social e da sua linguagem, pois a constituição do homem social e da sua linguagem é mediada pelo texto; suas ideias e seus sentimentos se exprimem (concretizam-se) somente em forma de textos.” (2005, p. 158).

Considerações Finais

Sem dúvida, ser um bolsista do PIBID é uma experiência única que leva ao desenvolvimento da docência, pois, segundo Freire (1996, p. 24) aprender precedeu ensinar, ou seja, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. O projeto por nós

¹O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN M. *Estética da criação verbal*. Trad. do francês de Maria Ermantina G. Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.

desenvolvido nos ajudou em nosso crescimento pessoal e profissional e no crescimento intelectual dos alunos beneficiados.

Durante o projeto passamos por muitas dificuldades: mudança do horário das aulas, indisciplina, desinteresse, falta de material, pouca experiência. No entanto, o trabalho foi significativo, pois os alunos desenvolveram a escrita com maior facilidade do que anteriormente e passaram a entender sobre alguns tipos de gênero (características, esfera de circulação, condições de produção, etc.). Ao mesmo tempo tivemos a oportunidade de dar os primeiros passos no exercício da docência e crescer também juntamente com os alunos.

Foi na prática que descobrimos que a tarefa de ensinar não é assim tão fácil. Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção, (FREIRE, 1996, p. 47). Com a experiência que obtivemos com esse projeto, com as discussões durante as reuniões, que fazíamos e ainda fizemos toda sexta-feira na Universidade, detectamos que algumas vezes utilizamos o caminho da abordagem tradicional, onde a atividade era feita tendo como destinatário apenas o professor, e a atividade de alguns somente, para os colegas de turma. Para Yves Clot “a mudança da destinação e do destinatário da atividade é o recurso central e mesmo a força motriz do recomeço ou retomada da atividade.” (2006, p. 160). A partir disso buscamos dar um destinatário diferente para as produções, e passamos a publicá-las no mural da escola. Isso fez com que os alunos mudassem a perspectiva de trabalho e se dedicassem mais nas produções.

Como ressalta Bakhtin, “a língua e a palavra são tudo na vida humana”. (2003b [1959 – 1961], p. 324), por isso é fundamental estudar, compreender e tornar essas dificuldades em habilidades que os alunos podem conquistar.

Referências

ASPY, David. **Novas técnicas para humanizar a educação**. São Paulo: Cultrix, 1972.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad.: P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENTES, Anna Christina. Gênero e ensino: algumas reflexões sobre a produção de materiais didáticos para a educação de jovens e adultos. In: **Gêneros textuais: reflexões e ensino**/ Acir Mário Karwoski; Beatriz Gaydeczka, KarimSiebeneicher Brito (orgs.) – 30 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Trad.: A. Sobral. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERONIMO, Vanessa. **Relações entre oralidade e escrita em textos de alunos de sexto e sétimos anos**. In: Vozes de iniciação a docência/ Anselmo Pereira de Lima (org.). Curitiba: CRV, 2012

KOCH, IngedoreGrunfeld Villaça. **A coerência textual**. /IngedoreGrunfeld Villaça Koch; Luiz Carlos Travaglia. São Paulo: Contexto: 1990.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino**/ Angela Paiva Dionísio; Anna Rachel Machado; Maria Auxiliadora Bezerra (orgs.). São Paulo: Parábola, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales. **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. Tradução e Organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **Gêneros, teorias, métodos, debates** – Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROSSI, Maria Aparecida Garcia Lopes. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: **Gêneros textuais: reflexões e ensino**/ Acir Mário Karwoski; Beatriz Gaydeczka, Karim Siebeneicher Brito (orgs.) – 30 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.